



AULAS REMOTAS EM CONTEXTO DE PANDEMIA: ANÁLISE DOS ATOS DE FALA NO GÊNERO CHARGE

REMOTE CLASSES IN THE CONTEXT OF PANDEMIC: ANALYSIS OF SPEECH ACTS IN THE CARTOON GENRE

Natália Luczkiewicz da Silva¹
Universidade Federal de Alagoas

RESUMO: O presente trabalho teve como objetivo analisar os atos de fala, à luz da Pragmática, em charges sobre a temática educacional e as desigualdades sociais que permeiam a sociedade brasileira, durante o período da pandemia de Covid-19. O corpus da pesquisa foi composto por quatro charges, produzidas por três autores, que foram disseminadas nas redes sociais, durante o ano de 2020. Seguimos a metodologia bibliográfica e qualitativa, com base nos pressupostos teóricos de Austin (1962), Marcuschi (2008), Levinson (2007), Moreira (2016), Figueira (2018), e outros. A partir da análise, constatamos que o gênero charge apresenta elementos que direcionam compreensões para além da esfera linguística, relacionando fatores políticos, econômicos, históricos e culturais. Portanto, os atos de fala manifestaram-se no corpus deste estudo por meio da interatividade discursiva inerente à charge, enquanto gênero que expressa um posicionamento crítico ante os fenômenos languageiros que semiotizam o mundo.

Palavras-chave: Desigualdade social; Gênero charge; Atos de fala; Pragmática.

ABSTRACT: The present work aimed to analyze the speech acts, in the light of Pragmatics, in cartoons about the educational theme and the social inequalities that permeate Brazilian society, during the period of the Covid-19 pandemic. The research corpus consists of four cartoons, produced by three authors,

¹ E-mail: natalia2luczkiewicz@gmail.com.

which were disseminated on social networks during the year 2020. We followed the bibliographic and qualitative methodology, based on the theoretical assumptions of Austin (1962), Marcuschi (2008), Levinson (2007), Moreira (2016), Figueira (2018), and others. From the analysis, we found that the cartoon genre presents elements that direct understandings beyond the linguistic sphere, relating political, economic, historical and cultural factors. Therefore, the speech acts manifested themselves in the corpus of this study through the discursive interactivity inherent to the charge, as a genre that expresses a critical position towards the language phenomena that semiotize the world.

Keywords: Social inequality; Genre charge; Acts of speech; Pragmatics.

INTRODUÇÃO

A Pragmática é uma vertente da Linguística que tem como objetivo estudar a linguagem em uso, abarcando todas as formas de linguagem. Nessa área de estudos, há um destaque às pesquisas realizadas por Levinson (2007). O autor aborda os conceitos e os princípios básicos da Pragmática, qual é o objeto de estudo dessa área linguística, quais as relações entre falante, linguagem e contexto situacional e como se dá a produção e a recepção de enunciados orais e escritos.

Quando falamos sobre o contexto situacional e sobre os sentidos de um enunciado, devemos referenciar os três atos de fala, pertencentes à Pragmática, que são o locucionário, ilocucionário e perlocucionário, cujo precursor foi Austin (1962). Esses três atos estão presentes em qualquer enunciado, seja textualmente ou a partir de outros elementos que orientam a identificação. Com base nesse entendimento, escolhemos o gênero charge como objeto de análise desses três atos de fala, observando como eles conferem sentidos ao texto.

Diante disso, este trabalho teve como objetivo analisar os atos de fala, à luz da Pragmática, em charges sobre a temática educacional e as desigualdades sociais que permeiam a sociedade brasileira, durante o período de pandemia. A pesquisa teve como metodologia adotada a exploração de bibliografias (OLIVEIRA, 2017). Além disso, o corpus da pesquisa foi composto por quatro charges disseminadas nas redes sociais durante o ano de 2020. Esse material foi

analisado de forma qualitativa (MARCONI; LAKATOS, 2010), pois essa abordagem mostrou-se mais colaborativa para que pudéssemos atingir o objetivo proposto.

Esta pesquisa foi motivada por observamos, com mais nitidez, durante o período de pandemia da Covid-19, as desigualdades que existem no Brasil, em que muitos alunos de baixa renda, residentes em zonas periféricas, sofrem com a falta de insumos necessários para estudarem, contrastando com as condições da classe média/alta que, certamente, possui todos os elementos precisos e o conforto necessário para ter acesso às aulas.

Alguns aportes teóricos utilizados foram: Levinson (2007), sobre a teoria Pragmática; Austin (1962), sobre os atos de fala; Marcuschi (2008), sobre os gêneros textuais; Saraiva, Traversini e Lockmann (2020), sobre a educação em tempos de pandemia; além disso, contamos com o auxílio de outros teóricos, como Moreira (2016), Figueira (2018), e outros. Assim, continuamos com a tradição dos estudos pragmáticos, apontando a importância desse tipo de análise sobre a relação entre o enunciado e o contexto situacional para melhor entender os sentidos das charges.

Este trabalho foi dividido em quatro seções. Na primeira, discutimos sobre as aulas remotas em contexto de pandemia; na segunda, abordamos o gênero textual charge, enfatizando o conceito, as características e os propósitos desse gênero; na terceira, tecemos algumas considerações sobre os atos de fala, à luz da Pragmática; e na quarta, apresentamos a nossa metodologia e expusemos a análise dos dados.

1 ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA

O Brasil passou por uma catástrofe nunca vivida. O país paralisou no início de março de 2020 em decorrência da pandemia Covid-19. Nesse momento, ainda não tínhamos ideia da proporção que ela tomaria em nossas

vidas. Fomos guiados pelo medo da contaminação e da morte, a partir das notícias que saíam a todo instante pelas mídias digitais e impressas.

Em relação à educação pública, podemos observar que a pandemia evidenciou ainda mais as desigualdades sociais. Por meio do fechamento de escolas e da necessidade de isolamento social, os alunos passaram a estudar em casa, com aulas remotas. Segundo Brito, Arruda e Contreras (2015, p. 18674), “a educação se dá em diferentes espaços e a escola é um dos quais crianças pobres, têm mais acesso, sendo esta a principal forma de educação.” Apesar de a educação ocorrer em diversos locais, fora da escola as famílias e os alunos sofrem com diversos problemas, inclusive, de alimentação.

Com a suspensão das aulas presenciais por meio de uma recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS), milhões de alunos não conseguiram ter o direito ao estudo, devido à falta de acesso à internet e aos equipamentos eletrônicos.

No caso da Educação, a paralisação das atividades nas escolas e nas universidades não significou, necessariamente, um período de folga para professores e alunos. Em algumas redes públicas, a suspensão das atividades presenciais efetivamente traduziu-se na suspensão das atividades de ensino, ainda que em muitas esteja havendo atividades remotas. (SARAIVA; TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020, p. 17).

Junto ao ensino remoto, surgiram outras preocupações, principalmente, a respeito dessa nova forma de ensinar. Deparamo-nos com professores sem qualificação suficiente para trabalhar em ambientes virtuais, sem um espaço próprio para executar o seu trabalho com qualidade, falta de conhecimento para o manuseio das redes sociais e a necessidade em ter acesso à internet para possibilitar a interação dos alunos, a fim de sujeitá-los ao compromisso com a entrega das atividades e com a participação ativa nas aulas.

Moreira, Henriques e Barros (2020) nos mostram que

É recomendável que no ambiente virtual exista pelo menos um espaço de comunicação para as notícias e avisos; um espaço para as dúvidas que os estudantes possuam; um espaço informal onde os estudantes possam interagir de forma mais descontraída [...] (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020, p. 355).

Nesse sentido, destacamos que o ensino remoto era a única alternativa para manter os alunos ativos nas aulas e cumprindo as responsabilidades da vida escolar.

As aulas passaram a ser ministradas por meio de ferramentas como: *Google Meet*, *Google Hangouts*, *Zoom*, *Skype* e *Google Classroom*. Entretanto, sabemos que houve um agravamento na situação econômica da maior parte da população, sobretudo, porque muitos pais e mães ficaram desempregados, dependendo de auxílio do Governo Federal, para ter o mínimo possível para sobreviver.

De acordo com Souza (2020, p. 2), “as casas das classes médias e altas têm uma estrutura privilegiada para desenvolver as atividades. Porém, as residências das classes populares se configuram, com poucos cômodos onde convivem várias pessoas.” Além dos problemas em relação às condições sociais dos alunos, ainda presenciemos outro agravante, pois, apesar de vivermos em um mundo globalizado que passa por constantes transformações, notamos a dificuldade, por parte dos professores, em conseguir utilizar as tecnologias de informação e comunicação (TICs) durante as aulas. Na realidade, nos deparamos com docentes que se tornaram “Youtubers”, preocupados em gravar vídeos, editar e criar, com os roteiros das aulas, para disponibilizarem aos alunos. Observemos as palavras de Souza (2020):

Apesar das TIC já fazerem parte, direta ou indiretamente, da rotina das escolas e da realidade de muitos professores e estudantes, a utilização delas no período de pandemia, para substituir os encontros presenciais, tem

encontrado vários desafios, entre eles: a infraestrutura das casas de professores e estudantes; as tecnologias utilizadas; o acesso (ou a falta dele) dos estudantes a internet; a formação dos professores para planejar e executar atividades online. (SOUZA, 2020. p. 3).

Como apontado nas discussões anteriores, consideramos o momento de pandemia desafiante para alunos, professores, pais e toda a comunidade escolar, mais especificamente, a de rede pública. Sabemos que o ensino remoto não é semelhante ao presencial, e isso precisa ser compreendido por todos que fazem parte desse conjunto. Os desafios são constantes e “a docência nos tempos de pandemia é uma docência exausta, ansiosa e preocupada. Que quer acertar, mas que avança no meio da incerteza e da adversidade.” (SARAIVA; TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020, p. 17). Certamente, é assim que os professores se sentiram nesse momento, principalmente, quando visualizaram as muitas dificuldades do seu alunado. Diante disso, na próxima seção, discutimos sobre o gênero textual charge, objeto desta pesquisa.

2 O GÊNERO CHARGE E SUA FUNCIONALIDADE

Os gêneros textuais podem ser entendidos como partes constituintes de uma realidade específica. Marcuschi (2008, p. 190) aponta que “[...] os gêneros ancoram na sociedade e nos costumes e ao mesmo tempo são parte dessa sociedade e organizam os costumes, podem variar de cultura para cultura.” Sendo assim, cada contexto de comunicação necessitará de gêneros textuais específicos que estejam alinhados aos propósitos comunicativos da interação social.

A charge é um gênero que possui características particulares, apresentando humor, ironia e crítica social. Conforme destacam Bidarra e Reis (2013, p. 162), “a charge não se limita apenas a causar riso, mas objetiva criticar e discutir uma dada situação da atualidade.” Esse gênero gerou e ainda tem

gerado muita repercussão nas redes sociais, por apresentar a relação entre elementos textuais e imagéticos, para impulsionar reações nos interlocutores.

Os chargistas utilizam-se desse gênero para debater sobre assuntos que estão em evidência. Podemos destacar, pois, que a charge apresenta-se como um gênero capaz de instigar o pensamento crítico do leitor.

A charge é um gênero textual, é ação social localizada num contexto específico. É produzida com a função de expor uma opinião crítica com base humorística. Insere-se num processo em que o produtor está imbuído do papel social de jornalista opinativo e cartunista, integrado ao cotidiano de sua profissão e acompanhando as notícias do dia a dia. Assim, ele produz seu texto, repetindo uma estrutura social, a qual, justamente por isso, será compreendida como charge. (CAVALCANTI, 2008, p. 2).

As características e as funcionalidades da charge são bem definidas pelo chargista, utilizando-se de um acontecimento atual e relevante à sociedade, apresentando uma crítica ao problema, por meio da sátira e desenvolvendo a capacidade do interlocutor de refletir sobre o fato destacado.

Observamos que, mesmo sendo um gênero de essência humorística, não podemos reduzi-lo a essa condição, pelo contrário, em muitas situações, ele induz o olhar crítico do aluno e atrai a sua atenção, como podemos verificar na fala de Romualdo (2000):

Se pensarmos em termos de conteúdo, uma charge ou uma caricatura podem ser muito mais densas do que os outros textos opinativos, como uma crônica ou até mesmo um editorial. O leitor pode, inclusive, deixar de ler estes e outros gêneros opinativos convencionais, optando pela leitura da charge que, por ser um texto imagético e humorístico, atrai mais sua atenção e lhe transmite mais rapidamente um posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos. (ROMUALDO, 2000, p. 15).

Textos dessa natureza trazem assuntos discutidos na atualidade, fazendo com que os leitores realizem as suas implicaturas e percebam as denúncias. Nos livros didáticos, as charges aparecem em propostas de trabalho, visto que esse

gênero consegue desencadear a construção dos sentidos por meio de diversas perspectivas de leitura.

Nesse sentido, enfatizamos o caráter multimodal da charge, que mistura elementos textuais e imagéticos (presentes no cotexto) a elementos sociocognitivos (presentes na estrutura cognitiva dos interlocutores), conforme aponta Dionísio (2011, p. 39) quando afirma que “os gêneros textuais falados e escritos são também multimodais porque, quando falamos ou escrevemos um texto, estamos usando no mínimo dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens [...]”.

Diante disso, para que o leitor reconheça os elementos implícitos na estrutura textual, ele necessita estabelecer relações entre as modalidades presentes no texto e os elementos que atingem a intertextualidade, para atribuir os sentidos e os significados oferecidos pela charge.

É fundamental que, no momento de análise do texto, tenhamos em vista que os seus sentidos não estão acabados, mas que eles se constroem no ato de interação entre os interlocutores, tomando como ponto de partida o contexto em que foi produzido, ou do qual ele se retrata. Cavalcante (2020) faz algumas considerações sobre os sentidos do texto:

O texto não pode ser concebido somente do ponto de vista do sistema linguístico, ou seja, privilegiando aspectos sintáticos e semânticos, em detrimento dos aspectos pragmáticos, das mais diversas situações de uso. Também não se pode pensar o texto como um objeto material, ou como uma superfície linear na qual os sentidos se acham organizados. Para tomá-lo como unidade de análise, é preciso, necessariamente, considerar mais do que a sua tessitura, pois um conjunto de contextos e de conhecimentos (linguísticos, cognitivos, interacionais) está envolvido no processo da (re) construção dos sentidos que se empreendem durante a compreensão e a produção de um texto. (CAVALCANTE, 2020, p. 30).

O conceito de texto estabelecido por Cavalcante (2020) leva-nos a compreensão de que existe uma série de fatores que interferem no processo de

interpretação textual, tais como os conhecimentos linguísticos, cognitivos e interacionais, cujos sentidos são construídos no ato da negociação e com base na necessidade dos enunciadores em desvendar as pistas textuais e cognitivas.

3 A PRAGMÁTICA E OS ATOS DE FALA

Levinson (2007) aponta que a Pragmática é a ciência que analisa a linguagem, considerando a influência do contexto comunicacional e extrapolando, desse modo, a visão da Semântica e da Sintaxe. Em primeiro momento, conforme destaca Moreira (2016), a Pragmática ainda estava presa às concepções da Semântica, sendo caracterizada como subsidiária, para posteriormente se consolidar como uma corrente que estuda a linguagem presente no contexto interacional.

A fim de realizar um aprofundamento teórico, costumeiramente, vemos pesquisadores relacionarem a semântica à pragmática, em suas análises, visto que “a pragmática, por se constituir tanto da estrutura (sintaxe), considerando a ordem dos elementos mais relevantes, por exemplo, e do sentido (semântica) ligado ao contexto – o que forma a pragmática.” (ROSA, 2016, p. 547). Assim, essa característica híbrida forma um elo entre essas áreas.

De acordo com Barbosa (2013, p. 8), “a Pragmática pressupõe uma concepção segundo a qual o significado é relativo a contextos determinados e deve ser considerado a partir do modo interacional dos termos e expressões linguísticos utilizados nesses contextos.” A Pragmática detém uma dimensão comunicativa que é estabelecida através das enunciações que tem a função de representar o mundo *na* linguagem e *pela* linguagem.

No ato comunicativo, os interactantes colaboram para a construção dos sentidos do texto, por meio das impressões linguísticas e contextuais. Nesse ínterim, possuem a capacidade de compreender as possíveis intenções de um locutor ao proferir um texto/discurso, com vistas a essas pistas fornecidas, a

capacidade de interpretação dos atos de fala materializados na escrita ou na fala.

A Teoria dos Atos de Fala (TAF) teve como precursor o estudioso Austin (1962) que realizou conferências sobre a temática e, em 1955, lançou a sua única obra, intitulada *How to do things with words*, que em português significa: *Quando dizer é fazer: palavras e ação*, publicada em 1962.

Para Levinson (2007), os atos de fala são os fenômenos centrais que qualquer teoria pragmática geral deve explicar. Já Austin (1962) argumentava que a língua não serve apenas para descrever o mundo. Diante disso, elaborou essa teoria como forma de reagir à semântica, que avaliava os enunciados em aspectos de veracidade ou falsidade, pautada na concepção de uma realidade externa à linguagem.

Armengaud (2006) destaca a importância de compreender os conceitos de atos de fala, de contexto e de desempenho. No primeiro conceito, vemos que a linguagem não é resumida à representação, mas se estende à ação sobre outrem. Nesse contexto, os atos de fala direcionam as performances dos enunciadorees e não possuem apenas um caráter representativo; no conceito de contexto, entendemos que se trata da situação concreta e real em que os atos de fala ocorrem; o conceito de desempenho trata-se da própria realização do ato de fala no dado contexto, que requer determinada ação linguística ou até mesmo física dos enunciadorees.

Diante dessas constatações, Austin constrói algumas dicotomias em relação aos atos de fala. A primeira delas, e talvez a mais importante, é a distinção entre os atos performativos e os atos constatativos. De acordo com Santos (2018, p. 12), “os enunciados performativos foram assim chamados por Austin, pois fariam parte da performance (execução) de uma ação, ao contrário dos constatativos, que somente descreveriam um estado de coisas no mundo.”

No caso dos atos performativos, eles cumprem uma ação no mundo, por exemplo, quando alguém diz: “eu não aceito”, em uma cerimônia de casamento; enquanto os atos constataativos, teriam um compromisso com a verdade ou falsidade no mundo, como a alegação: “hoje está quente”, sendo algo fácil de ser constatado – o que se categoriza como semelhante aos objetivos da semântica, que Austin tentou ultrapassar, através da TAF. Com isso, compreendemos que “o ato de fala exprime, em última análise, a força de cada enunciado proferido em determinado contexto.” (SANTOS, 2018, p. 26).

Os atos de fala se apresentam em três manifestações distintas: ato locucionário, ilocucionário e perlocucionário. O ato locucionário, segundo Levinson (2007, p. 300), diz respeito à “enunciação de uma sentença com sentido e referência determinados”, ou seja, equivale ao sentido original da sentença, de forma tradicional, é aquilo que está dito, explicitamente, por meio de elementos verbais ou não verbais.

O ato ilocucionário trata-se do ato que realiza a evocação de um sentimento, perguntas ou respostas, “uma declaração, oferta, promessa, etc. ao enunciar uma sentença, em virtude da força convencional associada a ela” (LEVINSON, 2007, p. 300); e o ato perlocucionário é aquele que realiza uma ação, uma resposta ao que foi observado nos atos anteriores, “causa efeitos no público por meio da enunciação da sentença, sendo tais efeitos contingentes às circunstâncias da enunciação.” (LEVINSON, 2007, p. 300).

As funções enunciativas desses atos podem ser compreendidas a partir da observação de Figueira (2018) quando afirma que

Nessa teoria, o estudo que se coloca relevante é o fato de compreender que quando falamos não estamos somente verbalizando, mas também desempenhando e interferindo em uma ação. Indivíduos em situações de comunicação realizam declarações, dão ordens, perguntam, pedem, desculpam-se, julgam, afirmam, etc, ou seja, desempenham atos e não somente uma declaração. Desse modo, é possível pensarmos que os sujeitos

são capazes de se representar, de representar o outro e representar o mundo com o qual se relacionam de formas diferentes, por meio das construções de atos de fala. (FIGUEIRA, 2018, p. 24).

Entendemos que os três atos de fala estão interligados no ato da enunciação. Quando o sujeito enuncia, lança mão dos três atos de fala, entretanto, observamos que os atos locucionário e ilocucionário estão mais ligados ao papel de quem enuncia, enquanto o perlocucionário – apesar de relacionar-se aos objetivos do enunciador – demanda uma negociação entre os demais participantes do enunciado, pois são eles que darão possíveis respostas ao que foi proposto, podendo atingir ou não as expectativas construídas no momento interacional.

Nesta investigação, centramo-nos na análise desses três atos de fala oriundos da Pragmática. Escolhemos o gênero charge para direcionar as nossas investigações por considerarmos esse gênero coerente aos estudos dos Atos de Fala, no sentido de que comunicam para além dos elementos textualmente explícitos, sendo um desejo do autor a participação dos interlocutores para a construção dos sentidos do texto.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE DAS CHARGES

O corpus foi composto por quatro charges adquiridas nas páginas pessoais da rede social *Instagram*, dos chargistas Cazo, Gilmar Fraga e Walter Salomón, proliferadas na mídia entre o mês de abril de 2020 e fevereiro de 2021, período em que a pandemia da Covid-19 estava em alta, resultando em centenas de mortes diariamente, fechamento de escolas, comércio e empresas; desemprego; empobrecimento da população; e aumento de pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza no Brasil.

Nesse sentido, as charges foram analisadas com base na identificação e na exploração dos recursos utilizados pelos autores em relação aos atos

locucionário, ilocucionário e perlocucionário, da Teoria dos Atos de Fala, aplicáveis à luz da Pragmática (LEVINSON, 2007).

Figura 1 - Primeira charge



Fonte: página do chargista Cazo (2021a) no Instagram.

Nessa charge, evidenciamos a existência de elementos não verbais: os dois meninos estão em uma calçada, descalços, com cabelos grandes e sem camisa. O primeiro parece estar lendo um livro, e, ao seu lado, observamos a presença de uma caneta e um lápis; o segundo está desenhando na parede algumas letras, como: A, B e C, o que nos indica que ele ainda está na fase inicial do processo de alfabetização.

Notamos a existência dos três atos de fala na charge. O ato locucionário materializa-se por meio da enunciação, quando o primeiro personagem fala: “Odeio estudar em casa!” E logo em seguida o segundo fala: “Por que? [sic] Estudar em casa é muito mais tranquilo”, e ele responde: “Eu sei, mas não tem merenda”. Nos enunciados em tela, compreendemos a possível intenção do interlocutor ao proferir esses discursos, marcados por uma estrutura sintática e semântica compreensível, em que um sujeito pergunta e o outro responde. Em um momento, o “eu” passa a ser o “outro” e o “outro” passa a ser o “eu”, do processo enunciativo, o que evidencia a alteridade e a troca de papéis comunicativos.

Em relação ao ato ilocucionário, ele se dá pela presença de um discurso que denota o sentimento de “ódio”. Na fala do primeiro personagem, verificamos que ele expressa a sua sinceridade, quando afirma que odeia estudar em casa, quando, de fato, o que ele odeia não é ter que fazer as lições da escola em casa; o que é evidenciado, neste momento, é o fato de na escola ter merenda e em sua casa (representada pela rua) não ter. Por isso, o primeiro enunciador apresenta essa visão negativa sobre as aulas em casa, no período da pandemia da Covid-19.

A manifestação do ato perlocucionário ocorre quando o chargista age sobre o leitor, provocando uma reflexão sobre a realidade. Assim, o criador das charges chama atenção para a situação social dos alunos de baixa renda e periféricos, levantando os seguintes questionamentos implícitos: será que todos os alunos estão recebendo as oportunidades necessárias para uma educação de qualidade, em período de pandemia? Será que todos os alunos veem a escola como um local de conhecimento, ou será que esse ambiente pode ser caracterizado como casa, para alguns; ou como salvação da fome, para outros? Certamente, essas indagações implícitas buscam influenciar as opiniões das pessoas que têm acesso ao conteúdo destacado nas charges.

O chargista proporciona uma reflexão sobre o que é a escola para cada aluno, pois, em muitos casos, este espaço passa a ser a segunda casa do discente, o lugar onde a sua fome é saciada, desse modo, o estudante consegue criar um laço afetivo com aquele ambiente. Observamos, nessa charge, uma crítica à falta de igualdade social no Brasil. É preciso relacionar outros conhecimentos, além dos textuais e imagéticos, a exemplo dos políticos, históricos, culturais e sociais, para compreender os sentidos apreendidos no e pelo texto. Desse modo, consideramos que o contexto situacional nos diz muito sobre a construção dos sentidos.

Figura 2 - Segunda charge



Fonte: página do chargista Cazo (2021b) no Instagram.

Nessa charge, verificamos efeitos de sentido que suscitam a ideia de classe social, nitidamente representada em virtude da imagem de duas crianças que apresentam um contraste físico. Temos a presença dos três atos de fala. O ato locucionário aparece no direcionamento do discurso e é concretizado por meio das trocas de turno entre os meninos. A enunciação do primeiro menino: “Minha escola aderiu ao uso de tablets, para melhorar a qualidade do ensino”, enquanto o outro personagem responde: “A minha escola não aderiu nem ao uso da merenda!”. Novamente, o chargista realiza uma crítica social, referindo-se ao sistema educacional público brasileiro em contexto de pandemia. Nesses enunciados, temos o reconhecimento das convenções naturais no nível sintático e semântico da língua materna.

O ato ilocucionário se expressa quando existe um direcionamento da fala, uma atribuição: o primeiro enunciador tem condições sociais melhores do que o segundo. Esses discursos demonstram a triste realidade do Brasil, como um país desigual, em que muitas crianças só se alimentam se estiverem na escola e que, por vezes, nem esses recursos alimentícios chegam até as mãos dos estudantes, por uma série de fatores políticos, inclusive, os crimes de desvios de merenda escolar; enquanto do outro lado, temos uma realidade diferente: uma escola que já aderiu ao uso de tablets para os alunos assistirem às aulas, mostrando que está em um nível de desenvolvimento avançado.

Em relação ao ato perlocucionário, ele se apresenta por meio do diálogo entre a linguagem verbal e a não verbal. O primeiro garoto está bem trajado, com tênis, cabelo arrumado, mochila e tablet; possui uma expressão facial serena, e, ao fundo da imagem do garoto, observamos uma escola bem construída. Isso nos mostra que se trata, possivelmente, de uma escola da rede privada de ensino, local em que apenas os alunos de classe média alta têm recursos para estudar. O segundo garoto está sujo, com a roupa rasgada, os dentes sujos, os olhos amarelados (indicando uma possível doença), o cabelo maltratado e descalço; além disso, apresenta um semblante de indignação e de sofrimento, pois a própria composição física indica que ele passa por problemas alimentares, desencadeando em desnutrição. Ao fundo da imagem desse garoto, vemos uma escola pequena e mal construída, representando a escola de rede pública.

Dessa maneira, observamos, por meio da relação entre os elementos verbais e não verbais, o que é ser pobre, sobretudo, em tempos de pandemia, fora da escola; e o que é ser rico, em um contexto em que milhões de crianças não estão conseguindo ter acesso à educação e tampouco à alimentação básica. Muitas dessas crianças precisam da alimentação escolar para sobreviverem, tendo em vista a alarmante situação de pobreza.

Além disso, é possível pensar nos pais que estão sem trabalho, desde o início da pandemia e que, conseqüentemente, não possuem recursos para a alimentação. O chargista age discursivamente, buscando interpelar os leitores para que enxerguem a dura realidade vivida na sociedade brasileira que é dividida em classes sociais, em que uns estão em situação confortável e outros vivem das migalhas que caem da mesa da grande elite econômica que rege o nosso país.

Figura 3 - Terceira charge



Fonte: página do chargista Fraga (2020) no Instagram.

Nessa terceira charge, percebemos que o problema continua sendo de ordem social. O ensino a distância tornou-se um grande desafio para a população carente, que passou a depender, exclusivamente, do acesso à internet para assistir às aulas. A pandemia da Covid-19 impôs novas formas de ver a educação, assim, fomos obrigados a nos reinventar.

Na imagem, contemplamos a presença dos três tipos de atos de fala. O ato locucionário é a enunciação entre a fala da mãe e do filho, quando a mãe diz: “e a aula, meu filho?!”, e ele responde: “sem sinal!”. Existe, nessa charge, o primeiro ato de fala, pois a conversa entre os enunciadores segue corretamente as trocas de turno, sem truncamentos, além de que, todos os elementos fonológicos, sintáticos e semânticos podem ser compreendidos, sem maiores problemas.

Em relação ao ato ilocucionário, ele se mostra presente quando a mãe faz uma pergunta: “E a aula, meu filho?!”, e espera o retorno responsivo do filho, assim, a pergunta é uma tentativa de obter a informação. A mãe espera uma resposta que indique o porquê de ele não estar estudando, se conseguiu estudar ou se aconteceu algum problema.

O ato perlocucionário é manifestado a partir do efeito de sentidos engendrados na fala do garoto: “Sem sinal!”, evidenciando duas compreensões possíveis: nem sinal da aula (a aula não deu certo, o professor não entrou), ou a falta de sinal de internet para que seja possível assistir à aula. Quando partimos

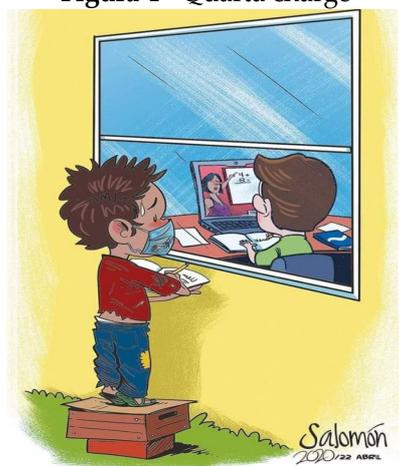
para a análise dos elementos imagéticos, podemos chegar a uma conclusão: o sinal ao qual o garoto se refere é o da internet, pois acima da imagem do aparelho celular, observamos alguns riscos, que indicam o sinal de internet, por meio da rede wi-fi ou dados móveis.

Identificamos outros aspectos que nos fazem compreender a relação entre os elementos verbais e não verbais e que compõem a compreensão do ato perlocucionário: trata-se de uma região periférica que sofre com problemas de acesso à internet de qualidade, por se localizar, geograficamente, distante das áreas urbanas; observamos que no canto esquerdo inferior da imagem tem um esgoto a céu aberto; as casas são simples, construídas de madeira, possuem roupas estendidas no varal; visualizamos a imagem de uma mãe, com um pano na cabeça, demonstrando que, possivelmente, estava executando alguma tarefa doméstica, ela apresenta um semblante preocupado, o que leva à compreensão de que a formação do filho é uma meta de vida; sobre o garoto, ele representa todos os estudantes que sofreram com o contexto da pandemia e com as aulas virtuais, pois ele mostra-se interessado em estudar, porém as circunstâncias sociais não lhes dão essa oportunidade.

Além disso, podemos observar que o menino está vestido com a camisa do Barcelona, número 10, utilizada na época pelo jogador Lionel Messi, um argentino que já foi considerado o melhor jogador do mundo, o que configura uma representação da maioria dos garotos de classe baixa, pois sonham em se tornar um jogador de sucesso, conquistar um futuro melhor para si e para a sua família. Por isso, apesar dos desafios, não deixou de se esforçar para estudar; vemos também que o menino está em cima de um monte de terra, por ser um local alto e que, possivelmente, o ajudaria a encontrar o sinal; alguns materiais didáticos estão apoiados no chão, enquanto o menino procura o sinal, em meio à imagem de um cachorro vira-lata observando-o.

Nesse íterim, os recursos textuais e imagéticos nos fazem compreender que o intuito do artista, ao produzir essa charge, é representar a real situação da educação pública brasileira, no contexto da pandemia, e como as classes menos favorecidas sofreram com a falta de recursos financeiros e de políticas públicas. O objetivo principal dessa charge é suscitar a ideia de que é preciso lutar e defender a igualdade entre os sujeitos.

Figura 4 - Quarta charge



Fonte: página do chargista Salomón (2020) no Instagram.

Nessa última charge, observamos o esforço que o menino faz para conseguir assistir à aula. Esse aluno representa as crianças e os jovens que vivem em comunidades carentes. A partir desse texto, que apresenta apenas elementos imagéticos, identificamos o aparecimento dos três atos de fala: locucionário, ilocucionário e perlocucionário. No entanto, eles ocorrem implicitamente, pois não são materializados por meio dos elementos textuais. A imagem enunciativa consegue encadear os atos de fala, pois o enunciador expressa um ato comunicacional ao elaborar o texto, que se configura como uma complexa unidade de sentidos.

O ato locucionário é representado no discurso imagético, o qual indica diversas interpretações da imagem, o que nos direciona para o tema central que é a desigualdade educacional no contexto de pandemia. Seguindo essa

perspectiva, o ato locucionário chama a atenção do leitor para uma realidade social da educação em detrimento à pobreza, à falta de moradia adequada, à ausência da alimentação e à ausência de materiais escolares. Dessa maneira, fica difícil ter um ensino de qualidade quando a educação é permeada por situações de desigualdades, atribuídas pelo sistema capitalista e proliferadas de forma vociferada em nossa sociedade.

A partir da imagem, fica clara a falta de recursos que compromete a aprendizagem do garoto, que assiste à aula pela janela; enquanto a criança com maior poder aquisitivo está sentada no conforto da sua casa, lançando mão de bons materiais, com aulas virtuais, por meio do acesso à internet de qualidade.

Em relação ao ato ilocucionário, ele ocorre a partir do chamamento que o enunciador faz aos leitores para compreenderem que vivemos em uma sociedade desigual, em que a educação é garantida como direito, na Constituição, mas na prática, não são dadas as verdadeiras oportunidades para que isso ocorra. O enunciador nos convida a sentir sensações de tristeza, angústia e empatia e faz-nos refletir sobre o esforço dos mais vulneráveis em busca de um futuro melhor.

O ato perlocucionário ocorre quando o chargista tem a intenção de persuadir o leitor, com uma comunicação sentimental, a fim de nos induzir a sentir pena da situação em que o menino se encontra, assistindo à aula por meio da janela do quarto do outro garoto, sem qualquer tipo de conforto para uma interpretação do conteúdo trabalhado. Nesse ato de fala, o enunciador pressupõe uma atitude, uma reação do leitor que se dá pela compreensão dos significados que o texto apresenta. Identificamos a presença de dois garotos, um pobre e um rico, que determinam um contraste de classes sociais presentes em nossa sociedade.

O garoto pobre está em cima de um tijolo e de uma caixa para poder alcançar a janela do quarto do outro menino. Ele está em pé e nas pontas dos

dedos, representando um esforço que é destacado por uma gota de suor que está escorrendo pela sua testa. O garotinho pobre está calçado de chinelo, tem a roupa suja e rasgada, os cabelos despenteados, papel e lápis na mão, mostra-se concentrado e escrevendo. Além disso, o garoto usa máscara, mostrando que tem a preocupação de proteger a si e aos seus familiares do vírus. Aparenta estar cansado, pois o seu semblante está avermelhado e ele está com a sobrancelha frisada, em decorrência do esforço físico que está fazendo para escrever em pé e para equilibrar-se em cima do tijolo e da caixa.

O menino de classe média está em seu quarto; sentado em uma cadeira confortável, acompanhando a aula pelo computador; fazendo as suas anotações em um caderno; possui livros, que estão sobre a mesa; o cabelo está penteado e cortado; e aparenta estar vestido em uma roupa limpa e de qualidade. Provavelmente, o ambiente está arejado, por meio de ar-condicionado, uma vez que a janela está fechada em um dia de sol (visualizado através das cores da imagem) que, conforme é de conhecimento comum, as janelas são fechadas para que o ar-condicionado desempenhe um papel melhor na circulação de ar dentro do ambiente. Desse modo, o enunciador mostra o contraste entre as situações sociais dos dois garotos e busca despertar influências nos leitores.

CONCLUSÃO

Vimos que a Pragmática é uma área da Linguística que busca analisar os textos, relacionando-os aos contextos sociocomunicativos e situacionais em que foram produzidos ou dos quais se referem. Diante disso, observamos a importância de compreender os atos de fala e as suas representações para entendermos os enunciados, à luz da referida teoria.

A charge apresenta-se como um gênero do tipo multimodal, embora haja charges em que observamos apenas a presença de elementos imagéticos (Fig. 4).

Esse gênero tem como principal objetivo realizar uma crítica social sobre algum tema que está em destaque no contexto social.

Desse modo, nosso objetivo com esta pesquisa foi analisar os atos de fala, à luz da Pragmática, em charges sobre a temática educacional e as desigualdades sociais que permearam a sociedade brasileira, durante o período da pandemia de Covid-19. Para atingir esse objetivo, selecionamos quatro textos do gênero charge, que foram produzidos por três diferentes autores e disseminados em suas redes sociais (página pessoal do *Instagram*), durante o período de abril de 2020 a fevereiro de 2021.

As quatro charges analisadas apresentaram, simultaneamente, os três atos de fala: locucionário, ilocucionário e perlocucionário. Entretanto, na quarta charge, esses atos são manifestados implicitamente, por meio de elementos que não foram materializados textualmente. Todas apresentam uma narrativa que focaliza as desigualdades econômicas, refletidas nas dificuldades educacionais que foram evidenciadas no período de pandemia, em que as aulas remotas eram a única forma de continuidade do ensino.

Os textos analisados mostraram-nos a ressignificação do espaço escolar como ambiente de alimentação, em que muitos alunos dependem da merenda escolar para se alimentar; evidenciaram a educação ressignificada, como forma de oportunizar a melhoria de vida das pessoas de baixa renda; e destacaram, sobretudo, os contrastes sociais entre a classe baixa e a média, resultantes do sistema capitalista e materializados no tratamento da escola pública e da escola privada. Com isso, podemos compreender que, diferentemente do que prega a Constituição Federal, de 1988, a educação formal não é para todos, mas para aqueles que detêm recursos financeiros para tal.

A partir das análises, constatamos que o gênero charge apresenta um construto de sentidos que dialoga com os interlocutores, uma vez que contém elementos que direcionam compreensões para além da esfera linguística,

relacionando elementos políticos, econômicos, históricos e culturais. Nesse sentido, os atos de fala manifestam-se, no corpus desta pesquisa, por meio da interatividade do uso linguístico inerente ao gênero adotado.

REFERÊNCIAS

ARMENGAUD, Françoise. *A pragmática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

AUSTIN, Jonh Langshaw. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1962.

BARBOSA, Maria de Fátima Santos. *Pragmática: breves considerações*. [S. l.], 17 maio 2013. Apresentação do Power Point. 27 slides, color.

BIDARRA, Jorge; REIS, Leidiani da Silva. Gênero charge: construção de significados a partir de uma perspectiva interdisciplinar e dinâmica. *Signo*, v. 38, n. 64, p. 150-168, 2013.

BRITO, Maria Helena; ARRUDA, Neivaely Aparecida; CONTRERAS, Humberto Silvano Herrera. Escola, pobreza e aprendizagem: reflexões sobre a educabilidade. In: Encontro nacional sobre atendimento escolar hospitalar-ENAEH, 9.; Seminário internacional de representações sociais, 3.; Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente, 5. 2015, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica, 2015. p. 18670-18683.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2020.

CAVALCANTI, Maria Clara Catanho. *Multimodalidade e argumentação na charge*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística)–Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

CAZO. *Educação...* [S. l.] 2021a. Instagram: @cazocharges. Disponível em: <https://instagram.com/cazocharges?igshid=MzRIODBiNWF1ZA==>. Acesso em: 10 set. 2023.

CAZO. *Brasil: um país de contrastes*. [S. l.] 2021b. Instagram: @cazocharges. Disponível em: <https://instagram.com/cazocharges?igshid=MzRIODBiNWF1ZA==>. Acesso em: 10 set. 2023.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

FIGUEIRA, Mayra Duarte. *A construção da imagem social de Marjane Satrapi na Graphic Novel Persépolis via referência e atos de fala de (des)cortesia*. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística)–Universidade Estadual do Espírito Santo, Vitória.

FRAGA, Gilmar. *Ensino a distância...* [S. l.] 2020. Instagram: @fragadesenhos. Disponível em: <https://www.instagram.com/fragadesenhos/?hl=pt>. Acesso em: 10 set. 2023.

LEVINSON, Stephen Curtis. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos da metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: editora Atlas, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOREIRA, José Antônio Marques; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela Melaré Vieira. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. *Dialogia*, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020.

MOREIRA, Reginaldo Gurgel. *(Des)cortesia linguística na nova pragmática e a problemática da intencionalidade nos atos de fala violentos na publicidade brasileira: quem é o responsável?* 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

OLIVEIRA, Maria Marly. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Vozes, 2017.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia - um estudo de charges da Folha de S. Paulo*. Maringá: Eduem, 2000.

ROSA, Pamella Soares. Pragmática sob um olhar histórico-filosófico: influências históricas e filosóficas no estudo da pragmática. In: Colóquio de linguística, literatura e escrita criativa [des] limiares da linguagem, 9., 2016, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre, 2016.

SALOMÓN, Walter. *La educación en tiempos de pandemia*. 22 abr. 2020.

SANTOS, Saulo. Fundamentos da Pragmática: atos de fala. In: Congresso de estudos linguísticos da Universidade Estadual de São Paulo: fundamentos da pragmática - apoio pedagógico, 4., 2018, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo, 2018.

SARAIVA, K.; TRAVERSINI, C.; LOCKMANN, K. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. *Práxis Educativa*, n. 15, 2020.

SOUZA, Elmara Pereira. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. *Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas*, v. 17, n. 30, p. 110-118, 2020.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 24 de agosto de 2022.

Aprovado em sistema duplo cego em: 17 de abril de 2023.